

RESENHAS | REVIEWS

CAPÍTULO OITO: OS DOIS MUNDOS, DE THOMAS PIKETTY

PIKETTY, Thomas. Os dois mundos. In: PIKETTY, Thomas. **O capital no Século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. Cap. 8, p. 265-295.

Lucas Paulo Fernandes¹

Thomas Piketty, economista autor do livro “O Capital no Século XXI”, aborda as dinâmicas de distribuição e acúmulo do capital pela perspectiva da política econômica. O autor utiliza dados de vinte países nos últimos duzentos anos para estabelecer a relação entre desenvolvimento econômico e concentração de renda, o que fornece informações suficientes para estabelecer uma análise crítica e fazer prognósticos sobre a Democracia do Ocidente. Especificamente no Capítulo 8, Piketty propõe a retomada cronológica da evolução histórica da desigualdade em diferentes países, analisando o modo como o fenômeno se modificou desde o século XIX.

A começar pela França, o autor constata que a sociedade *Belle Époque* era extremamente desigual; enquanto que, hodiernamente, as hierarquias salariais permanecem quase inalteradas, havendo uma diminuição no século XX, em virtude da queda das rendas do capital e, por consequência, dos rentistas. De tal forma, torna-se necessário subir bem mais na hierarquia de acumulação de valores para que a renda do capital sobreponha à do trabalho.

Ainda, aponta que o modelo econômico francês passou de uma sociedade de rentistas para uma de grandes executivos, a qual se baseia no equilíbrio entre sucesso de trabalho e capital.

Piketty demonstra que a história da desigualdade é desordenada, em que os processos de redução do desequilíbrio financeiro apresentam-se como produtos de guerras e choques econômico-políticos.

Ao observar os países de que detém dados, Piketty observa que a parte mais pobre do décimo superior da população é de executivos de carreira, esmiuçando: nos 10% superior, em 9% prevalecem a renda do trabalho; e, no 1% restante, a renda do capital. Ou seja, desses 10% superior, 9% representam os executivos de carreira que, na crise financeira de 1929, tornaram-se os menos prejudicados pelo desemprego e pela queda do lucro das empresas, os quais afetaram, principalmente, aqueles abaixo na hierarquia de rendas.

Embora sinalize que a história da desigualdade não pode restringir-se ao período entre

¹ Graduado em Direito - Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduando em Direito Constitucional - Academia Brasileira de Direito Constitucional (ABDCnst). Advogado. E-mail: lucaspaulo_fernandes@hotmail.com

guerras, o autor mostra que, nesse intervalo temporal, os salários inferiores revalorizaram e foram protegidos pela inflação. Já no Pós-guerra, houve a recuperação da hierarquia dos salários nos setores público e privado.

Passando para uma análise dos dados da segunda metade do século XX, o autor mostra que, na França, houve uma forte diminuição da desigualdade social e uma relativa estabilidade, acompanhando o desenvolvimento da economia, que foi ampliado durante o *boom* econômico e reduzido nos períodos de quietude. Ainda, Piketty observa que, no fim da década de 90, houve um aumento significativo dos altos salários, principalmente, dos executivos das grandes empresas e das remunerações do setor financeiro.

Cuidando dos Estados Unidos da América (EUA), Piketty aponta que o país se tornará mais desigual do que a França e a Europa ao longo do século XXI, diferentemente do início do século XX.

Isso porque, entre 1970 e 1980, houve um período de menor desigualdade nos EUA, em que o décimo superior da hierarquia econômica detinha de 30 a 35% da renda nacional. A partir desse período, a parcela detida pelo respectivo décimo passou para cerca de 40% a 45% até 2010, com uma previsão de que, em 2030, alcance 60% de toda a renda do país.

Para o autor, a alta estadunidense pode ser explicada pelos ganhos de capital e pela euforia dos mercados de ações. Nos atuais 10% mais ricos nos EUA, a maior parte dos valores corresponde à alta do grupo do 1% superior, cuja elevação foi de 11 pontos percentuais no período de quarenta anos (1970 – 2010), arrebanhando grande parte da renda nacional nesta fase.

Segundo Thomas Piketty, o aumento da desigualdade, embora não seja o único fator, contribuiu significativamente para fragilizar o sistema financeiro americano, fazendo com que o poder de compra das classes populares estagnasse, cuja consequência foi a redução da capacidade de aquisição de bens e serviços e o endividamento daqueles em posições inferiores na hierarquia financeira. O autor explica que isso ocorreu em virtude da facilidade de acesso ao crédito e da ausência de regulação das instituições financeiras que, ávidas por crescimento, visaram a enorme poupança financeira injetada pelos mais ricos no sistema econômico.

Finalizando o capítulo, Piketty verifica que a desigualdade nos EUA se explica, majoritariamente, pelo surgimento de grandes remunerações no pico da hierarquia dos salários, sobretudo de executivos de grandes empresas, criando a classe de superexecutivos.

Disto, o autor extrai que o aumento do desequilíbrio salarial explica a maior parte da alta da desigualdade social americana, já que expansão da dissimetria salarial nos Estados Unidos da América não foi compensada por um acréscimo da mobilidade de salário entre as diversas carreiras individuais.

O autor encaminha para o desenrolar da obra tecendo uma análise crítica do modelo de desenvolvimento econômico do Ocidente – incluído o Brasil, que não foi analisado pelo autor devido à ausência de dados –, e estabelecendo as nuances da desigualdade social, condição marcante da sociedade. Com isso, ao longo do livro, Piketty constrói uma relação entre o desequilíbrio financeiro e a fragilização do regime político democrático.